



GRANDE CONSELHO DE MESTRES REAIS E ESCOLHIDOS DE PORTUGAL

Comunicação N.º 9 do Ilustríssimo Grão-Mestre

A LIBERDADE E A OBEDIÊNCIA, NA VISÃO CRÍPTICA versus NA VIDA PROFANA

Ilustríssimos Antigos GGMM, Muito Ilustres GGOO, Ilustres Mestres e
Companheiros em todos os graus e qualidades

I. PROLEGÓMENOS FILOSÓFICOS – A DIALÉTICA FUNDAMENTAL

A reflexão sobre liberdade e obediência remonta às raízes da filosofia clássica e da tradição iniciática, constituindo uma das questões centrais do pensamento filosófico (1). Não se trata de conceitos opostos, mas de polos de uma mesma realidade. A liberdade absoluta, desligada de qualquer ordem, conduz inevitavelmente ao caos. Por outro lado, a obediência cega, desprovida de consciência, conduz à servidão. A tradição filosófica clássica ensina que a verdadeira liberdade nasce da adesão à razão e à lei moral, numa síntese dinâmica onde o homem se eleva acima da sua condição meramente instintiva.

II. “LIBERTAS INTERIOR” – O DOMÍNIO DE SI, COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE

A liberdade interior exige o domínio das paixões e o governo da vontade (2). Ela é a pedra angular do caminho críptico. Ela implica o domínio das paixões, o controlo dos impulsos e a orientação da vontade para o bem. Não é liberdade fazer tudo, mas saber escolher o que é justo. O homem livre é aquele que não é escravo de si próprio. Este domínio exige disciplina, silêncio interior e reflexão constante, sendo um processo contínuo de aperfeiçoamento moral e espiritual e autoconhecimento: **Nosce te ipsum** (3). A expressão foi amplamente desenvolvida pelo filósofo Sócrates que a transformou num princípio central da filosofia: conhecer-se a si próprio como caminho para a verdade e para a virtude. Mais tarde influenciou toda a tradição Platónica, Estóica, Cristã e até Maçónica (introspeção espiritual para o auto-aperfeiçoamento).

III. “OBEDIENTIA SAPIENS” – A OBEDIÊNCIA COMO VIRTUDE RACIONAL

A obediência, quando iluminada pela razão, transforma-se em virtude. Não se trata de servidão externa mas aceitação consciente de princípios superiores. Quando esclarecida não é submissão, mas adesão consciente à verdade (4). A lei deixa de ser imposição exterior e torna-se princípio interior, um guia. O verdadeiro iniciado obedece porque compreende, e compreende porque busca a verdade. Assim, a obediência torna-se expressão superior da liberdade.



IV. O TEMPLO INTERIOR – A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO SER

O simbolismo do Templo representa a construção do Homem interior. A pedra bruta representa o estado inicial do indivíduo, marcado pela imperfeição. Através da disciplina, da obediência e do esforço consciente essa pedra é trabalhada e disciplinada. A pedra polida simboliza o homem disciplinado. A liberdade é a energia transformadora; a obediência é a forma que orienta. A ordem nasce do caos através da disciplina, **Ordo ab chao** (5).

V. A VIDA PROFANA – A FRAGMENTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS

Na vida profana observa-se, frequentemente, a dissociação entre liberdade e obediência. A liberdade é confundida com a ausência de limites e reduzida ao individualismo e a obediência é vista como a imposição, como restrição. Este desequilíbrio gera desordem social ou autoritarismo estruturas autoritárias. É o **Homo homini lupus** (6), pois quando falta a medida moral, o homem torna-se inimigo do homem.

VI. SÍNTESE CRÍPTICA – A HARMONIA DOS OPOSTOS

A tradição críptica propõe uma síntese superior, onde a liberdade e a obediência coexistem em Harmonia, a que podemos chamar a liberdade disciplinada e obediência consciente (6). O homem verdadeiramente livre escolhe obedecer ao que reconhece como justo. Esta síntese representa um nível elevado de maturidade moral e espiritual, onde já não há conflito mas integração consciente.

VII. EPÍLOGO – O HOMEM CONTEMPORÂNEO E A CRISE DO EQUILÍBRIO

O mundo contemporâneo enfrenta uma crise de valores. A liberdade é frequentemente desligada da responsabilidade e a autoridade da legitimidade moral. Tal como nas grandes civilizações do passado, a perda da ordem interior precede a decadência. A visão críptica oferece um caminho de regeneração: reconstruir o homem a partir do interior, reconciliando liberdade e obediência como fundamentos de uma sociedade justa.

VIII. CONCLUSÃO – O HOMEM RECONCILIADO

O caminho iniciático conduz à reconciliação entre liberdade e obediência. Trata-se de um processo de transformação interior que culmina na construção de um ser equilibrado, capaz de agir com autonomia e responsabilidade. A verdadeira liberdade realiza-se na obediência à lei moral interiorizada e a verdadeira obediência nasce de uma liberdade plenamente consciente

A Oriente de Sintra, ao dia 10 de Abril do A.D. 3026

Joaquim Cardoso Martins
(GM)



NOTAS

1. Cícero, *De Legibus*, I, 15. “ubi societas, ibi jus”
2. Sêneca, *Epistulae Morales*; Epicteto, *Enchiridion*.
3. Máxima latina que provem de uma Inscrição, em grego, no templo de Apolo em Delfos, usada amplamente por Sócrates. No contexto iniciático, não é apenas conhecimento intelectual, mas revelação interior da própria natureza, limites e missão.
4. Santo Agostinho, *De Libero Arbitrio*.
5. Lema fundamental do REAA de transformação interior.
6. Expressão atribuída originalmente ao dramaturgo Plauto, foi divulgada por Thomas Hobbes *in Leviatã*.